

Leonel Figueiredo de Alencar

*Universidade Federal do Ceará; prof\_leonel\_ufc@yahoo.com.br*

## A discrepância entre valência sintática e semântica nas construções anticausativas alemãs\*

### 1. Introdução

O fenômeno das *diáteses* ou *alternâncias verbais* constitui um dos mais investigados na pesquisa lingüística dos últimos anos, no âmbito dos mais diversos modelos teóricos.<sup>1</sup> Por alternância verbal entende-se a ocorrência de um verbo em mais de uma moldura de valência, geralmente acompanhada de mudança no significado verbal. As frases de (1) exemplificam algumas das alternâncias tipologicamente mais representativas (ver Comrie, 1985).

- (1) a. O Pedro abriu a porta.  
b. A porta abriu.  
c. A porta se abriu.  
d. A porta foi aberta pelo Pedro.  
e. O Pedro abriu.<sup>2</sup>

Neste trabalho, partimos do pressuposto, comungado por representantes de diferentes abordagens teóricas, de que as alternâncias verbais resultam de processos que geram novas entradas lexicais a partir das entradas existentes, podendo ou não envolver alterações na representação fonológica dos verbos (ver Wunderlich, 2000).

Tipicamente, esses processos lexicais não afetam apenas a valência sintática, mas alteram também a moldura de papéis temáticos (i.e. a valência semântica) e a correspondência entre esses dois níveis. O Quadro 1 apresenta, sinopticamente, as principais diferenças sintáticas e semânticas entre as diáteses de (1 a, b, d, e) (ver Comrie, 1985).

À primeira vista, (1 b) e (1 c) derivam da construção causativa pelo mesmo processo lexical. De fato, em (1 c), há a mesma supressão do AGENTE (AG), simbolizada

---

\* Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração de Carmen Kelling, da Universidade de Constança. Eventuais erros, contudo, são de nossa inteira responsabilidade.

<sup>1</sup> Para uma comparação entre diferentes abordagens das diáteses verbais, ver Davis (2001).

<sup>2</sup> Imagine-se essa frase como resposta a uma pergunta do tipo *E o portão?*

por  $\emptyset$  no Quadro 1, que em (1 b), com o TEMA (TH) realizando-se como sujeito (SUBJ). Na construção (1 c), porém, ocorre um elemento a mais, cujo estatuto relativamente à valência sintática tem suscitado controvérsias. Trata-se de um clítico meramente expletivo que preenche a posição sintática de objeto direto (OBJ) ou de um tipo de afixo verbal assinalando a redução da valência? Como veremos, a questão é polêmica, não só no âmbito da lingüística românica, mas também germânica.

O presente artigo focaliza as construções anticausativas alemãs análogas a (1 c), nas quais o verbo é acompanhado de um pronome reflexivo. Concentramo-nos sobre o estatuto sintático desse elemento. Inicialmente, comparamos diferentes abordagens, que tratam o reflexivo ora como complemento, ora como não-complemento verbal. Mostramos em seguida que, sob a perspectiva da Gramática de Decomposição Lexical (*Lexical Decomposition Grammar* – LDG) e da Gramática Léxico-Funcional (*Lexical-Functional Grammar* – LFG), é preferível o tratamento uniforme do reflexivo alemão, em todas as construções reflexivas, como objeto do verbo. Isso implica que a valência sintática e a valência semântica não constituem níveis isomorfos. Essa análise, porém, por simplificar a descrição do alemão, não só é explanatoriamente superior, mas também mais adequada no âmbito do ensino de alemão como língua estrangeira.

**Quadro 1: Valência sintática e semântica de diáteses do verbo *abrir***

Diátese	Correspondência entre valência sintática e semântica	Exemplo
ativa (causativa)	<(SUBJ, AG) (OBJ, TH)>	(1 a)
anticausativa	<(SUBJ, TH)>	(1 b)
passiva	<( $\emptyset$ , AG) (SUBJ, TH)>	(1 d)
antipassiva	<(SUBJ, AG) ( $\emptyset$ , TH)>	(1 e)

O trabalho estrutura-se em quatro seções. Na seção 2, delineamos o arcabouço teórico subjacente a nossa investigação, o qual combina aspectos da LDG e da LFG. A seção 3 confronta os três tipos de abordagens sobre o reflexivo em construções reflexivas do alemão, francês e italiano. Essas análises articulam-se em torno de três posições antagônicas: (i) o reflexivo não é complemento em nenhuma das construções reflexivas, (ii) o reflexivo é complemento em todas as construções e (iii) o reflexivo é complemento em algumas construções, mas noutras, como as anticausativas, não é complemento. Ao passo que as posições (i) e (ii) tratam sintaticamente o reflexivo de modo uniforme, a posição (iii) propõe uma análise bifurcada. Na seção 4 mostramos, sob a dupla perspectiva teórica adotada e à luz dos dados do alemão, as vantagens da análise sintática uniforme *forte* do reflexivo (posição (ii)) e as desvantagens das análises uniforme *fraca* (posição (i)) e bifurcada (posição (iii)). Finalmente, na seção 5, resumimos as principais conclusões do trabalho.

## 2. Arcabouço teórico

Como vimos, a construção anticausativa constitui, tal como as construções passiva e antipassiva, um tipo de alternância verbal, caracterizada tanto por propriedades sin-

táticas quanto semânticas próprias relativamente à construção básica. Mas em que difere, exatamente, uma construção anticausativa da correspondente construção causativa ou da passiva?

Creemos que uma resposta satisfatória à questão somente pode ocorrer no âmbito de uma teoria gramatical formal que conjugue representação semântica com representação sintática. Neste trabalho, utilizamos conceitos e formatos de representação das propriedades semânticas e sintáticas de verbos de duas teorias gramaticais que, conjuntamente, atendem a essa exigência: a LDG (Wunderlich, 2000) e a LFG (Bresnan, 2001; Falk, 2001).<sup>3</sup> Ambas as abordagens constituem desdobramentos da Teoria da Valência.

No modelo LDG-LFG, a entrada lexical de um verbo comporta vários níveis de representação, dos quais os seguintes nos interessam mais de perto aqui:

- (i) Grade  $\Theta$ , constituída de uma seqüência de variáveis ligadas por operadores  $\lambda$ , representando o argumento situacional do verbo e os argumentos individuais que projetam funções gramaticais, denominados papéis  $\theta$ .<sup>4</sup> A seqüência de papéis  $\theta$  constitui a estrutura argumental (*argument structure* – AS) do verbo.
- (ii) Forma Semântica (*Semantic Form* – SF), que consiste numa representação semântica dos aspectos gramaticalmente relevantes do significado verbal, especialmente os necessários à computação dos papéis  $\theta$ . A SF é uma fórmula lógica constituída de predicados e argumentos hierarquicamente estruturados.
- (iii) Moldura funcional (MF), constituída das funções gramaticais subcategorizadas pelo verbo, por exemplo, SUBJ, OBJ e OBJ2 "objeto secundário", no caso de um verbo como *dar*.<sup>5</sup> As funções de uma MF, excetuando o SUBJ, constituem as funções-complemento (*complement functions*) ou, simplesmente, os complementos do verbo.

Entre esses níveis, há relações sistemáticas. A AS é projetada a partir da SF por meio de determinados princípios gerais, com base na hierarquia dos argumentos. A MF, por sua vez, é projetada, nos casos não marcados (*default*), a partir da AS.

Para um verbo como a variante causativa de *abrir*, que segue o padrão canônico de projeção argumental para verbos de dois lugares, temos a entrada simplificada de (2), cuja SF se parafraseia informalmente como "em x age e y se torna aberto".<sup>6</sup> Nessa representação, os argumentos da SF constituem a hierarquia  $s > x > y$ , que é representada em ordem invertida na AS, onde  $\lambda x$  é o papel q mais alto e  $\lambda y$ , o mais baixo.

<sup>3</sup> Para uma exposição detalhada das vantagens de se combinar LDG e LFG na descrição de alternâncias verbais, consulte-se Alencar (2003).

<sup>4</sup> Sobre o operador  $\lambda$  em semântica formal, ver Chierchia e McConnell-Ginet (2000).

<sup>5</sup> Em português, o OBJ2 corresponde *grosso modo* ao que se denomina, tradicionalmente, de objeto indireto. Na LFG, conforme a abordagem de Butt *et al.* (1999), Bresnan (2001) e Falk (2001), o SUBJ é considerado como selecionado pelo verbo analogamente aos complementos, contrariamente ao que preconizam outras abordagens gerativas como a Teoria da Regência e da Ligação (TRL) (Raposo, 1992:94). Também na LDG o sujeito constitui uma projeção da AS do verbo.

<sup>6</sup> Uma das teses da LDG é que a noção de causalidade, geralmente representada em semântica formal pelo predicado *CAUSE* (Chierchia & McConnell-Ginet, 2000:438), não constitui um primitivo do nível SF, mas é computável a partir de determinadas configurações da SF por meio de princípios gerais. Ressalte-se que o símbolo  $\&$  não denota a conjunção tradicional da lógica formal, mas a conjunção assimétrica (Wunderlich, 2000).

Essa AS projeta, da direita para a esquerda, a moldura funcional <SUBJ OBJ>, que não precisa ser especificada na entrada lexical, uma vez que é computável pelo mecanismo de projeção argumental.

$$(2) \lambda y \lambda x \lambda s \{ACT(x) \& BECOME(OPEN(y))\}(s)^7$$

**AS** **SF**

Na Teoria da Valência (Helbig, 1992:157-158), a hierarquia de argumentos na SF representa a valência *semântica* (ou *lógica*), ao passo que os níveis AS e MF reconstroem a valência sintática. A moldura de papéis temáticos, denominada por vezes também de valência semântica, é transferida na LDG para a Estrutura Conceptual.<sup>8</sup>

Nos casos canônicos, há uma correspondência biunívoca entre a AS e a hierarquia de argumentos individuais da SF do verbo, como se pode observar em (2), em que  $y < x$  projeta  $\lambda y \lambda x$ . Essa AS, por sua vez, está também em correspondência biunívoca com a moldura <SUBJ OBJ>. Em outras palavras, a isomorfia entre valência sintática e valência semântica constitui o caso não marcado.

Regras lexicais que operam sobre uma AS e/ou SF, porém, podem produzir uma discrepância entre a AS e a hierarquia de argumentos individuais da SF, i.e. entre valência sintática e valência semântica. Esse é o caso da passiva, em que o argumento mais alto é ligado pelo operador existencial  $\exists$  (compare (1 d) e (3)). Na antipassiva, é o argumento mais baixo que é ligado pelo operador existencial (compare (1 e) e (4)). Em ambos os casos, o único papel q restante na AS do verbo projeta o SUBJ.

$$(3) \lambda y \lambda s \exists x \{ACT(x) \& BECOME(OPEN(y))\}(s)$$

$$(4) \lambda x \lambda s \exists y \{ACT(x) \& BECOME(OPEN(y))\}(s)$$

Tanto na passiva quanto na antipassiva, há redução do OBJ na moldura funcional do verbo e, conseqüentemente, passa a existir uma discrepância entre o número de argumentos semânticos e o número de elementos da moldura funcional (ver Quadro 1, p. 2). Pelo mecanismo de projeção argumental, o argumento mais baixo, que, na ativa, realiza-se como OBJ, na passiva é realizado como SUBJ. O argumento mais alto da ativa, por sua vez, devido à ligação pelo operador existencial, torna-se "invisível" para o mecanismo de projeção, não sendo mais realizável como função gramatical subcategorizada pelo verbo.<sup>9</sup> Na antipassiva, porém, não ocorre um tal rearranjo na correspondência entre argumentos semânticos e funções gramaticais, uma vez que o argumento mais alto, como na variante ativa do verbo, é projetado como SUBJ.

Em resumo, as operações lexicais subjacentes às construções passiva e antipassiva quebram a isomorfia entre a valência semântica, formalizada no modelo LDG-LFG através do nível SF, e a valência sintática, representada pela AS e MF. Nesse caso, o

<sup>7</sup> Seguimos a convenção, comum à LDG e a outras abordagens semânticas formais, de designar os predicados básicos de que se compõem os significados verbais por meio dos respectivos termos ingleses, mesmo em trabalhos escritos noutra língua que não o inglês.

<sup>8</sup> Na LDG, a noção de papel q não se confunde com a de papel temático (que envolve relações como AGENTE, TEMA etc.) noutras abordagens como, por ex., Raposo (1992). Os papéis q são entidades bem mais abstratas, uma vez que se definem apenas pela posição na AS.

<sup>9</sup> Não há consenso na LFG sobre o estatuto sintático do chamado agente da passiva. Bresnan (2001: 29) é de opinião que se trata de um complemento (especificamente um oblíquo), contrariamente a Falk (2001:94), a quem seguimos neste trabalho, que não o considera um complemento.

número de elementos da hierarquia de argumentos individuais passa a ser maior que o da AS e MF.

Um outro tipo de não-isomorfia entre esses dois níveis é exemplificado pelos verbos com funções sintáticas expletivas. Tipicamente, esses expletivos (EXPL) ocorrem na posição de sujeito, em línguas como inglês, francês e alemão (N = nominativo):

- (5) Es regnet. 'Está chovendo.'  
EXPL.N chove

Na LDG, verbos como o alemão *regnen*, o inglês *to rain* ou o francês *pleuvoir* são representados como em (6). Nessa representação, o papel q lx importa apenas ao mecanismo de projeção argumental, que o projeta como sujeito expletivo. O operador l, nesse caso, é vazio, uma vez que não liga uma variável da SF.<sup>10</sup>

- (6)  $\lambda x \lambda s$  RAIN(s)

A análise do *es* (análogo ao *it* do inglês e ao *il* do francês) em exemplos do tipo de (5) como um sujeito meramente formal é encontrada também em abordagens mais tradicionais como Helbig & Buscha (1991:398) e Eisenberg *et al.* (1998:636). Esse expletivo difere, contudo, em vários aspectos de um sujeito prototípico, uma vez que não é comutável nem coordenável, o que levou Engel (1994:155) a considerá-lo não um elemento da valência verbal, mas, como as partículas, uma parte integrante do lexema (ver (9) abaixo).

A análise como SUBJ do expletivo *es* em frases do tipo de (5) vai ao encontro, contudo, do comportamento sintático desse elemento, que não difere de um sujeito "normal" no que concerne ao ordenamento linear, como se constata em (7). Com efeito, em (7 a), a posição do *es* não referencial é imediatamente subsequente ao auxiliar, tal como o pronome *es* referencial de (7 b). Isso não constitui coincidência, mas resulta de que todos esses elementos representam o SUBJ da frase.

- (7) a. Gestern hat es geregnet. 'Ontem choveu.'  
ontem tem EXPL.N chovido  
b. Gestern hat es geweint. 'Ontem ele chorou.'  
ontem tem ele.N chorado

Contrariamente ao modelo da valência de Engel (1994:155) e à Teoria da Regência e da Ligação (TRL) (Raposo, 1992:305), na LFG são admitidas funções expletivas também na posição de OBJ (ver (8)), como propõem Butt *et al.* (1999:77) para o alemão, analogamente a Helbig & Buscha (1991:400) (AC = acusativo). Na LDG, igualmente, contemplam-se expletivos na função de OBJ (por ex. sob a forma de um reflexivo) (ver seção 3.3).

- (8) Ich habe es heute eilig. 'Estou hoje com pressa.'  
eu.N tenho EXPL.AC hoje apressado

<sup>10</sup> Essa análise dos verbos com sujeito expletivo reflete abordagens tanto no âmbito da LDG quanto da LFG (Butt *et al.*, 1999; Bresnan, 2001). Essas abordagens divergem de modelos como a TRL, na medida em que, nessa última, a função sintática sujeito não integra a moldura de subcategorização verbal (Raposo, 1992).

Note-se que os expletivos em (5) e (8) encontram-se na posição canônica, respectivamente, do SUBJ e do OBJ em alemão, contrastando com a posição típica da partícula (PART) no final da frase (ver (9)). Tratar esses expletivos como parte do lexema verbal, como propõe Engel (1994), implica introduzir exceções na gramática do alemão para dar conta do seu comportamento sintático. Pelo contrário, considerá-los sujeitos e objetos expletivos faz jus ao seu ordenamento linear, evitando a formulação de exceções, uma vez que seguem os mesmos princípios de linearização que os sujeitos e objetos não expletivos.

- (9) Die Frau räumt das Büro auf. 'A mulher arruma o escritório.'  
a mulher arruma o escritório PART

### 3. O Estatuto sintático controverso do reflexivo

Nesta seção, veremos, inicialmente, em que tipos principais se classificam as estruturas reflexivas. Nas seções seguintes, apresentaremos os três tipos de análise do estatuto sintático do reflexivo nessas construções. A seção 3.2 trata da análise uniforme fraca, pela qual o reflexivo jamais é complemento verbal. Na seção 3.3, expõe-se a abordagem antípoda, que denominamos uniforme forte, a qual classifica como complemento verbal o reflexivo em todos os tipos de construção. Finalmente, na seção 3.4, resumimos algumas abordagens bifurcadas, que tratam o reflexivo como complemento em algumas construções e como não-complemento noutras. Nas seções 3.5 e 3.6 comparamos entre si essas análises, mostrando as vantagens da análise uniforme forte frente às desvantagens das outras duas abordagens.

#### 3.1. Tipos de construções reflexivas

Tanto na gramática tradicional quanto em abordagens teóricas recentes, combinações de verbo e reflexivo não se subsumem num tipo único de construção, mas instanciam vários subtipos. Helbig & Buscha (1991:64), por exemplo, distinguem, conforme a possibilidade de comutação do reflexivo por um NP preservando o sentido verbal, dois grupos de "verbos reflexivos *lato sensu*", que denominam, respectivamente, "construções reflexivas" (ver (10)) e "verbos reflexivos *stricto sensu*" ou simplesmente "verbos reflexivos" (ver (11) e (12)). O exemplo (11), tal como (1 c), instância o tipo que, seguindo Steinbach (2002), denominamos anticausativo reflexivo.<sup>11</sup> (12) exemplifica a classe dos verbos reflexivos inerentes de Kaufmann (2003).

- (10) A Maria se viu no espelho.  
(11) Eu me assustei.  
(12) A menina se queixou.

#### 3.2. O reflexivo como não-complemento verbal

Nesta seção, resumimos algumas das análises que tratam o reflexivo como não-complemento verbal, mesmo quando é comutável por um NP ou pronome não reflexivo, como em (10). Nessas abordagens, as construções reflexivas dos tipos de (10) a (12) são sintaticamente intransitivas, i.e. não possuem um OBJ na respectiva moldura funcional.

<sup>11</sup> Mendes (2003) chama essa construção de anticausativa pronominal.

Para Schwarze (1987:108), o reflexivo italiano *si* constitui, em todas as construções italianas paralelas a (10) e (11), um mero "marcador gramatical" (*grammatisches Signal*) de que uma função gramatical foi apagada por meio de uma regra lexical, uma vez que em todos esses casos o auxiliar dos tempos compostos do passado é SER (*essere*), como nos verbos intransitivos ergativos. Também Reinhart (2003) levanta várias evidências de que o clítico românico *se* (ou *si*), em construções como (10), não constitui o OBJ de um verbo transitivo. A evidência mais sólida em prol dessa tese proviria de construções causativas em francês, nas quais os verbos reflexivos se comportam analogamente aos intransitivos e não aos transitivos.

Sells *et al.* (1987) propõem uma análise parecida das construções reflexivas do alemão do tipo de (10). Segundo eles, o reflexivo alemão, embora constitua morfema livre, é um simples marcador de que uma regra lexical de reflexivização foi aplicada. Os verbos resultantes dessa regra não subcategorizam, portanto, um OBJ. Isso explicaria a possibilidade de aplicar nesses verbos a regra lexical da passiva impessoal, exemplificada em (13) e (14), que exigiria verbos não transitivos. Comparem-se as construções (13), com o verbo intransitivo *tanzen* 'dançar', e (14), com um pronome reflexivo. A gramaticalidade dessas construções contrasta com a agramaticalidade de (15), em que o verbo é transitivo.

- |      |            |                    |            |                             |
|------|------------|--------------------|------------|-----------------------------|
| (13) | Gestern    | wurde              | getanzt.   | 'Dançou-se ontem.'          |
|      | ontem      | foi                | dançado    |                             |
| (14) | Jetzt wird | sich               | gewaschen! | 'Agora é hora de se lavar!' |
|      | agora é    | REFL <sup>12</sup> | lavado     |                             |
| (15) | *Jetzt     | wird               | den Brief  | geschrieben.                |
|      | agora      | é                  | a carta.AC | escrita                     |

### 3.3. O reflexivo como complemento verbal

Nesta seção, expomos abordagens diametralmente opostas às da seção anterior. Para Bierwisch (1996) e Kaufmann (2003), o reflexivo realiza o papel q mais baixo da AS do verbo tanto nos casos de (10) quanto (11) e (12). Em termos da LFG, portanto, todos esses verbos regem um OBJ.<sup>13</sup>

A representação (16), que resulta de (2) pela aplicação de uma regra lexical, é uma versão simplificada da análise proposta por Bierwisch e Kaufmann para a variante anticausativa reflexiva de verbos como *öffnen* 'abrir'. O papel  $\theta \lambda x$ , ao contrário de  $\lambda y$ , não liga variável na SF, constituindo, assim, posição na AS meramente sintática, sem contraparte na representação semântica. A co-indexação e a preeminência de  $\lambda y$  relativamente a  $\lambda x$  induz, pela teoria da ligação, a realização de  $\lambda x$  como OBJ reflexivo.<sup>14</sup>

- (16)  $\lambda x_i \lambda y_i \lambda s \{BECOME(OPEN(y))\}(s)$

<sup>12</sup> Preferimos, nas glosas, representar o reflexivo alemão por REFL, em vez de traduzi-lo, uma vez que, ao contrário do reflexivo português (e românico de um modo geral), não é um clítico. Convencionamos que REFL é sempre acusativo, salvo indicação em contrário.

<sup>13</sup> Para as diferenças nas representações dos verbos reflexivos alemães no nível da SF, ver Sells *et al.* (1987) e Kaufmann (2003).

<sup>14</sup> Assumimos, nesse ponto, os princípios gerais de ligação de Bresnan (2001) e Falk (2001).

Por essa análise, o reflexivo nas construções anticausativas alemãs constitui, conforme a LFG, um OBJ atemático, i.e. um OBJ que não constitui projeção de papel semântico do verbo (Bresnan, 2001; Falk, 2001).

### 3.4. Tratamentos bifurcados

Nas seções anteriores, vimos que o reflexivo é tratado uniformemente ora como não-complemento, ora como complemento do verbo, independentemente do tipo de estrutura reflexiva. Nesta seção consideramos algumas abordagens, que denominamos bifurcadas, segundo as quais o reflexivo é complemento em uma parte das estruturas reflexivas, e afixo ou componente do complexo verbal nas demais.

Para Helbig & Buscha (1991) e Eisenberg *et al.* (1998), o reflexivo funciona como complemento nas frases alemãs análogas às de (10). Nas estruturas reflexivas do alemão equivalentes às de (11) e (12), porém, o reflexivo não é considerado complemento, mas constituinte do complexo verbal, uma vez que apenas o primeiro tipo de estrutura licencia construções como (17). Analogamente, Waltreit (2000:258) trata os casos de (10) em francês como instâncias de construções transitivas. Nos casos de (11) e (12), porém, o reflexivo é considerado um afixo verbal.

- (17) Die Mutter wäscht nicht sich, sondern das Kind.  
a mãe lava não REFL, mas a criança  
'A mãe lava não a si própria, mas a criança.'

### 3.5. Abordagem bifurcada *versus* uniforme forte do reflexivo

Steinbach (2002), em estudo no âmbito da TRL e do Programa Minimalista, parte do princípio de que, para uma classificação sintática do reflexivo, deve-se recorrer a critérios realmente sintáticos. Para Steinbach, o reflexivo, em construções como (10), é de natureza argumental, uma vez que realiza argumento semântico do verbo. Nos verbos reflexivos *stricto sensu* (exemplos (11) e (12)), porém, não corresponde a um argumento semântico verbal.

Steinbach mostra que o reflexivo argumental e o não-argumental comportam-se sintaticamente de forma idêntica em alemão, no que tange à ordem das palavras e à ligação do reflexivo pelo sujeito (fenômeno esse exemplificado pela variação do reflexivo em (11) e (12)). Ele mostra, por outro lado, que a assimetria observada entre os dois grupos de verbos reflexivos, por meio de testes como (17), decorre de fatores semânticos e não sintáticos. Sintaticamente, o reflexivo instancia um OBJ tanto nas construções alemãs paralelas a (10) quanto (11) e (12).

Evidencia-se que a assimetria entre os dois tipos de construção reflete apenas o estatuto semântico diferente do reflexivo, quando se analisam exemplos como (18 a) com a variante anticausativa reflexiva de *öffnen* 'abrir'. Essa frase (analogamente à sua tradução em (18 b)) é agramatical porque a posição de OBJ não corresponde a argumento semântico do verbo, admitindo realização apenas como pronome reflexivo no acusativo, mas não como um NP.

- (18) a. \*Die Tür öffnet nicht sich, sondern den Wagen.  
a porta.N abre não REFL, mas o carro.AC  
b. \*A porta abre não a si própria, mas o carro.

Em resumo, a abordagem de Steinbach faz jus ao comportamento sintático do reflexivo em alemão, que não é sensível a sua natureza argumental ou não argumental. De fato, a sintaxe trata o reflexivo argumental e o não argumental de forma idêntica. Uma classificação do reflexivo como complemento em uma parte dos casos e, noutros, como componente do complexo verbal não se justifica, uma vez que a assimetria no comportamento dos dois tipos de reflexivo reflete apenas a diferença semântica entre constituir ou não argumento semântico do verbo.

Contra a abordagem bifurcada há que considerar, também, que não é coerente, ao tratar, por um lado, o expletivo de (8) como OBJ e, por outro, o pronome reflexivo das construções anticausativas e dos verbos reflexivos inerentes como parte do complexo verbal. De fato, nenhum desses elementos é comutável ou coordenável. Isso, porém, não constitui evidência de que esses elementos não integram a valência sintática do verbo, mas apenas de que são funções-complemento verbais sem correlatos na valência semântica.

### 3.6. Dificuldades da abordagem uniforme fraca

Todas as desvantagens da análise bifurcada, no que concerne ao alemão, são herdadas pela análise uniforme fraca. Para além disso, é falacioso o argumento de Sells *et al.* (1987) de que o reflexivo alemão não instancia um OBJ porque passivas impessoais com reflexivo são possíveis, enquanto passivas impessoais com OBJ são impossíveis. Na passiva pessoal, o papel q mais baixo projeta o SUBJ (ver seção 2). É por isso que (15) é agramatical. Na passiva impessoal, como não há papel q mais baixo, o verbo não projeta SUBJ (ver (13)). Por que um papel q que se realiza como OBJ reflexivo na ativa não projeta SUBJ na passiva, mas permanece OBJ, como em (14)? A razão é simples: não existe em alemão reflexivo no nominativo (Eisenberg, 1999:129).

Em (19), temos a representação do verbo *waschen* 'lavar' na frase (14). Pelo mecanismo de projeção,  $\lambda y$  se realizaria como SUBJ. Essa realização, contudo, é bloqueada, pois a variável x liga a variável y. Pela teoria da ligação,  $\lambda y$ , nesse caso, somente pode realizar-se como pronome reflexivo. Como não existe pronome reflexivo nominativo,  $\lambda y$  projeta a função gramatical canônica do reflexivo, que é OBJ.

$$(19) \lambda y_i \quad \lambda s \exists x_i \text{ WASH}(x,y)(s)$$

### 4. As construções anticausativas reflexivas no modelo LDG-LFG

Nesta seção, mostramos que a análise de Steinbach (2002) também é preferível no âmbito do modelo LDG-LFG. Outras evidências em prol da abordagem sintática uniforme forte são levantadas, convergindo para a conclusão de que tratar o reflexivo como OBJ simplifica a descrição gramatical do alemão. Essa análise é, assim, tanto teoricamente mais viável à luz da aquisição do alemão como primeira língua como pedagogicamente mais adequada no âmbito do ensino do alemão como língua estrangeira. Conseqüentemente, a valência sintática não pode ser considerada, em todos os casos, simples projeção da valência semântica, mas constitui um nível relativamente autônomo.

Em primeiro lugar, em alemão, tanto os verbos do tipo (10) quanto os do tipo (11) e (12) se emparelham com os verbos transitivos, i.e. verbos com OBJ, relativamente à seleção do auxiliar do pretérito perfeito, que, num e noutro caso, é TER (*haben*). Alguns

verbos mesmo chegam a alternar entre os auxiliares TER e SER (*sein*), consoante sejam empregados com ou sem o reflexivo, como (20) e (21).

- (20) Er hat sich vor dem Hund erschrocken. 'Ele assustou-se com o cão.'  
 ele tem REFL com o cão assustado.
- (21) Er ist vor dem Hund erschrocken. 'Ele assustou-se com o cão.'  
 ele é com o cão assustado.

De um modo geral, verbos télicos em alemão, quando intransitivos (i.e. sem OBJ), selecionam o auxiliar SER, como na construção anticausativa de (21). Verbos anticausativos reflexivos, porém, não obstante a telicidade, sempre constroem o perfeito com TER (ver (20)), a exemplo de outros verbos transitivos.

Uma vantagem imediata da classificação do reflexivo alemão nos casos de (11) e (12) como OBJ é, portanto, simplificar a regra de formação do perfeito. No âmbito da abordagem de Helbig & Buscha (1991), o aprendiz – seja uma criança que adquire o alemão como língua materna, seja um adulto que aprende o alemão como língua estrangeira – precisa aprender as regras de (22). Através da abordagem uniforme forte, no entanto, a regra (i) é simplificada, pois se torna supérflua a referência a verbos reflexivos.

- (22) i. Verbos transitivos, reflexivos e intransitivos atélicos selecionam *haben*  
 ii. Verbos intransitivos télicos selecionam *sein*

Em segundo lugar, verbos reflexivos inerentes e anticausativos reflexivos comportam-se nas construções atributivas de particípio como os transitivos e não como os verbos com partículas. De fato, se o reflexivo integra, como a partícula *auf*, o lexema verbal, como propõe a abordagem bifurcada, qual a razão da discrepância entre (23 b), onde falta o reflexivo de (23 a), e (24 b), que preserva a partícula como em (24 a)?

- (23) a. die sich öffnende Tür 'a porta que está se abrindo'  
 a REFL abrindo porta
- b. die geöffnete Tür 'a porta aberta'  
 a aberta porta
- (24) a. die das Büro aufräumende Frau 'a mulher que arruma o escritório'  
 a o escritório PART-arrumando mulher
- b. das aufgeräumte Büro 'o escritório arrumado'  
 o PART-arrumado escritório 'o escritório arrumado'

O porquê desse comportamento do reflexivo constitui uma incógnita no âmbito da análise bifurcada e também do modelo de valência de Engel (1994). Por outro lado, se passarmos a analisar o reflexivo como OBJ, torna-se evidente por que o reflexivo aparece em (23 a) e não em (23 b): o particípio passado, como a passiva, caracteriza-se pela redução do OBJ (Eisenberg, 1999:126; Raposo, 1992:365). O particípio presente, contudo, mantém a mesma moldura de complementos verbais que na voz ativa. O reflexivo ocorre em (23 a), portanto, porque é um OBJ subcategorizado pelo verbo. E não aparece em (23 b) também porque é um OBJ.

A terceira evidência em favor da análise do reflexivo como OBJ nos verbos alemães análogos a (11) e (12) refere-se aos princípios canônicos de projeção argumental. Em alemão, o reflexivo pode ocorrer no acusativo, dativo ou genitivo. Entretanto, está sempre

no acusativo nesses dois tipos de verbos. Esse fato não é explicável no âmbito da análise uniforme fraca nem bifurcada. Segundo Askedal (2002:70-73), o acusativo é o "caso estrutural" do objeto de verbos de dois lugares, i.e. constitui o caso atribuído à função sintática por meio de uma regra geral. Esse é também o ponto de vista da LDG. Sob essa perspectiva, torna-se patente o motivo para a inexistência de verbos do tipo de (11) e (12) com reflexivo no dativo ou genitivo: o reflexivo é um OBJ, portanto vai para o acusativo. Ele não integra, portanto, o complexo verbal a exemplo das partículas, invisíveis para o mecanismo de projeção argumental. Em vez disso, constitui complemento do verbo sem correspondente na SF.

Uma última evidência em favor da análise uniforme forte provém das regras de ordenamento de constituintes, relativamente às quais o reflexivo se comporta como outros complementos do verbo e não como as partículas (cf. (9) e (20)). Em alemão, o SUBJ precede sempre o OBJ, se ambos se realizarem como pronomes pessoais (Eisenberg, 1999:394-395). O reflexivo, independentemente do tipo de construção, comporta-se como os pronomes pessoais não reflexivos na função de OBJ, como se evidencia em (25).

- (25) a. weil *er* sie plötzlich geöffnet hat  
 porque ele.N ela.AC subitamente aberto tem  
 'porque ele a abriu subitamente'
- b. weil *sie* sich plötzlich geöffnet hat  
 porque ela.N REFL subitamente aberto tem  
 'porque ela se abriu subitamente'

## 5. Conclusão

Neste trabalho, focalizamos o reflexivo nas construções anticausativas do alemão. Em várias línguas, o estatuto sintático desse elemento é controverso. Foram confrontadas três abordagens sobre a questão. Pela abordagem uniforme fraca, o reflexivo não é complemento em nenhum dos tipos de (10) a (12). A análise uniforme forte, postulada no âmbito da LDG por Bierwisch (1996) e Kaufmann (2003) e no âmbito da TRL e do Programa Minimalista por Steinbach (2002), trata o reflexivo em todos esses casos como um OBJ. Finalmente, Helbig & Buscha (1991), entre outros, propuseram uma análise bifurcada, segundo a qual o reflexivo é um OBJ em uma parte das construções e noutras, como as anticausativas, não constitui função-complemento do verbo, mas é parte integrante do lexema verbal, à semelhança das partículas verbais.

Mostrou-se, inicialmente, que a abordagem bifurcada é incoerente, na medida em que admite sujeitos e objetos expletivos, mas nega o estatuto de OBJ ao reflexivo em construções como as anticausativas. Outras desvantagens dessa análise, além daquelas apontadas por Steinbach, foram levantadas. Como essas dificuldades dizem respeito ao não enquadramento do reflexivo como OBJ, elas são, logicamente, compartilhadas pela análise uniforme fraca, para a qual nenhum reflexivo é OBJ. Dados de vários setores da gramática do alemão foram trazidos à baila, os quais evidenciam o comportamento sintático do reflexivo em todas as construções como OBJ. Tratar esse elemento como não-complemento, particularmente como parte do complexo verbal, resulta em complicar extremamente a gramática do alemão, pois muitas exceções precisam ser for-

muladas para explicar o comportamento do reflexivo. Uma tal gramática é de difícil aquisição pela criança e de difícil aprendizagem por um adulto que aprende alemão como língua estrangeira.

Segundo Askedal (2001:67), funções gramaticais como SUBJ e OBJ se referem a categorias que se comportam de forma idêntica relativamente a um determinado conjunto de regras. Essa opinião reflete o espírito subjacente ao design funcional da arquitetura da Gramática Universal na LFG. Esse modelo gerativo, contrariamente a abordagens como a TRL (Raposo, 1992), propõe funções gramaticais em vez de configurações sintáticas para expressar generalizações lingüísticas (Bresnan, 2001).

A análise uniforme forte do reflexivo em alemão vem ao encontro dessa característica fundamental da LFG, na medida em que, ao tratar o reflexivo sempre como OBJ, explica, de uma só vez, o comportamento desse elemento na seleção do auxiliar do perfeito, nas construções atributivas com particípio, na projeção argumental e no ordenamento de constituintes. Essa análise, por ser mais simples, é teoricamente mais viável que a abordagem bifurcada ou a uniforme fraca. A essa adequação explanatória maior junta-se a maior adequação no âmbito do ensino de alemão como língua estrangeira. Sob essa perspectiva, os níveis da valência semântica e da valência sintática têm de ser considerados não isomorfos.

## BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, Leonel Figueiredo de (2003), *Lexikalische Variation am Beispiel Dynamischer Verben des Deutschen und des Portugiesischen*, Tese de Doutorado, Departamento de Linguística da Universidade de Constança, <http://www.ub.uni-konstanz.de/kops/volltexte/2003/1076/>.
- ASKEDAL, John Ole (2001), "Oblique Subjects', Structural and Lexical Case Marking, Some Thoughts on Case Assignment in North Germanic and German", in Faarlund, Jan Terje (org.), *Grammatical Relations in Change*, Amsterdam, John Benjamins, pp. 65-97.
- BIERWISCH, Manfred (1996), "Fragen zum Beispiel", in Harras, Gisela & Manfred Bierwisch (orgs.), *Wenn die Semantik arbeitet, Klaus Baumgärtner zum 65. Geburtstag*, Tübingen, Niemeyer, pp. 361-378.
- BRESNAN, Joan (2001), *Lexical-Functional Syntax*, Oxford, Blackwell.
- BUTT, Miriam *et al.* (1999), *A Grammar Writer's Cookbook*, Stanford, CSLI Publications.
- CHIERCHIA, Gennaro e MCCONNELL-GINET, Sally (2000), *Meaning and Grammar, An Introduction to Semantics*, Cambridge, The MIT Press.
- COMRIE, Bernard (1985), "Causative Verb Formation and Other Verb-Deriving Morphology", in Shopen, Timothy (org.), *Grammatical Categories and the Lexicon*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 309-348.
- DAVIS, Anthony R. (2001), *Linking by Types in the Hierarchical Lexicon*, Stanford, CSLI Publications.
- EISENBERG, Peter *et al.* (1998), *Grammatik der Deutschen Gegenwartssprache*, Mannheim, Dudenverlag.
- EISENBERG, Peter (1999), *Grundriss der Deutschen Grammatik*, Stuttgart, J. B. Metzler.
- ENGEL, Ulrich (1994), *Syntax der Deutschen Gegenwartssprache*, Berlin, Erich Schmidt.
- FALK, Yehuda N. (2001), *Lexical-Functional Grammar, An Introduction to Parallel Constraint-Based Syntax*, Stanford, CSLI Publications.
- HELBIG, Gerhard e BUSCHA, Joachim (1991), *Deutsche Grammatik, Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*, Leipzig, Enzyklopädie.
- HELBIG, Gerhard (1992), *Probleme der Valenz- und Kasusbeziehung*, Tübingen, Niemeyer.
- KAUFMANN, Ingrid (2003), "Reflexive Verben im Deutschen", in Gunkel, Lutz *et al.* (orgs.), *Arbeiten zur Reflexivierung*, Tübingen, Niemeyer, pp. 135-155.
- MENDES, Amália (2003), *A Expressão da Emoção em Predicados Verbais do Português, Uma Análise Sintático-Semântica com Base num Corpus*, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, [http://www.clul.ul.pt/equipa/ufjrj\\_2003\\_mendes.pdf](http://www.clul.ul.pt/equipa/ufjrj_2003_mendes.pdf).
- RAPOSO, Eduardo Paiva (1992), *Teoria da Gramática, A Faculdade da Linguagem*, Lisboa, Caminho.
- REINHART, Tanya (2003), *Thematic Arity Operation and Parametric Variations*, Utrecht, Utrecht Institute of Linguistics, <http://www.let.uu.nl/~tanya.reinhart/personal/Papers/parapaper-final-may-03.pdf>.
- SCHWARZE, Christoph (1987), "Zur Lexikalisch-Funktionalen Analyse der Reflexivierung im Italienischen", in Dietrich, Wolf *et al.* (orgs.), *Grammatik und Wortbildung Romanischer Sprachen, Beiträge zum Deutschen Romanistentag in Siegen, 30.9 - 3.10.1985*, Gunter Narr, Tübingen, pp. 105-119.

- SELLS, Peter *et al.* (1987), "Reflexivization Variation: Relations between Syntax, Semantics, and Lexical Structure", *in* Iida, Masayo *et al.* (orgs.), *Working Papers in Grammatical Theory and Discourse Structure, Interactions of Morphology, Syntax, and Discourse*, Stanford, CLSI, pp. 169-238.
- STEINBACH, Markus (2002), *Middle Voice, A Comparative Study of the Syntax-Semantics Interface of German*, Amsterdam, Benjamins.
- WALTEREIT, Richard (2000), "What it Means to Deceive Yourself: The Semantic Relation of French Reflexive Verbs and Their Corresponding Transitive Verbs", *in* Frajzyngier, Zygmunt & Traci S. Curl (orgs.), *Reflexives: Forms and Functions*, Amsterdam, John Benjamins, pp. 257-278.
- WUNDERLICH, Dieter (2000), "Predicate Composition and Argument Extension as General Options, A Study in the Interface of Semantic and Conceptual Structure", *in* Stiebels, Barbara & Dieter Wunderlich (orgs.), *Lexicon in Focus*, Berlin, Akademie Verlag, pp. 247-269.